

O RETORNO AO MITO EM “ATLÂNTIDA, REINO PERDIDO” (1989):
REFLEXÕES SOBRE A INTERTEXTUALIDADE
NO MINICONTO INFANTIL DE RITA LEE

*The Return to Myth in “Atlântida, Reino Perdido” (1989):
Reflections about Intertextuality in Rita Lee’s Children’s Short Story*

DOI: 10.14393/LL63-v40-2024-56

Luana da Silva Coelho*
Helena Bonito Couto Pereira**

RESUMO: Partindo das interseções entre o passado e o presente nos estudos da literatura comparada, o presente trabalho tem por objetivo analisar a intertextualidade no miniconto infantil “Atlântida, Reino Perdido” (1989), de Rita Lee, com o clássico mito da ilha de Atlântida, retratado por Platão nos diálogos de *Timeu* e *Crítias*, escritos por volta de 360 a.C. Constituem suportes para a pesquisa bibliográfica autores como Nitrini (2000), Perrone-Moisés (2016) e Samoyault (2008) para discutir o conceito e aplicações da intertextualidade, além de Eliade (1972), Lopes (2011) e Silva *et al.* (2020), que discorrem sobre mito e recepção. Infere-se, então, que os usos do passado e recepção dos escritos da Antiguidade Clássica se renovam constantemente pelo movimento da intertextualidade, como ocorre no miniconto selecionado, em que se retoma a reescrita do mito de Platão em uma perspectiva lúdica.

PALAVRAS-CHAVE: Mito. Platão. Intertextualidade. Literatura infantil. Rita Lee.

ABSTRACT: Starting from the intersections between the past and the present in comparative literature studies, this article aims to analyze intertextuality in the children's short story “Atlântida, Lost Kingdom” (1989), by Rita Lee, with the classic myth of the island of Atlantis, portrayed by Plato in the dialogues of *Timaeus* and *Critias*, written around 360 B.C. The bibliographic framework was supported by authors such as Nitrini (2000), Perrone-Moisés (2016) and Samoyault (2008) to discuss the concept and applications of intertextuality, as well as Eliade (1972), Lopes (2011) and Silva *et al.* (2020), who discuss myth and reception. It is inferred that the uses of the past and reception of the writings of Classical Antiquity are constantly renewed by the movement of intertextuality, as occurs in the selected short story, in which the rewriting of Plato's myth is resumed from a ludic perspective.

KEYWORDS: Myth. Plato. Intertextuality. Children’s literature. Rita Lee.¹

* Mestranda em Letras: Língua Portuguesa, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL-UFPA). ORCID: 0009-0003-9479-3178. E-mail: coelho.luana1(AT)gmail.com.

** Doutora e Mestre em Letras Modernas (Língua e Literatura Francesa), pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Professora visitante no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL-UFPA). ORCID: 0000-0002-1642-5447. E-mail: helenabonito.pereira(AT)gmail.com.

¹ A tradução do título, resumo e palavras-chave para o inglês foi realizada por Adrienne Cristine Saraiva Santos dos Santos, graduada em Letras – Língua Portuguesa, pelo Instituto Federal do Pará (IFPA). E-mail: adriannecriss(AT)gmail.com.

1 Introdução

No contexto dos estudos de literatura comparada, principalmente a partir do século XX, a teórica Julia Kristeva torna-se um nome constantemente difundido por conta do conceito de intertextualidade, que “se insere numa teoria totalizante do texto, englobando suas relações com o sujeito, o inconsciente e a ideologia, numa perspectiva semiótica” (Nitrini, 2000, p. 158). Kristeva baseia sua análise essencialmente na obra *Problemas da Poética de Dostoiévski*, do filósofo Mikhail Bakhtin, publicado originalmente em 1963, posto que “Bakhtin foi um dos primeiros formalistas russos que procuraram substituir a segmentação estática dos textos por um modelo segundo o qual a estrutura literária se elabora a partir de uma relação com outra” (Nitrini, 2000, p. 158).

Bakhtin, por meio de seus estudos que abarcavam as possibilidades de conexões entre gênero textual e aspectos linguísticos e socioculturais, sinalizava a concepção de múltiplos discursos, isto é, como observa Samoyault (2008, p. 18), “trata-se antes de trabalhar sobre a carga dialógica das palavras e dos textos, os fragmentos de discursos que cada um deles introduz no diálogo”. Para o autor, a palavra literária se constitui por um cruzamento de diálogos: “a do escritor, do destinatário (ou personagem), do contexto atual ou anterior. O texto, portanto, situa-se na história e na sociedade. Estas, por sua vez, também constituem textos que o escritor lê e nas quais se insere ao reescrevê-las” (Nitrini, 2000, p. 159).

Em meio a essa conjuntura polifônica e dialógica, Perrone-Moisés (2016) reitera o vínculo entre escritor, texto e intertexto ao afirmar que “qualquer obra literária é metaliterária, porque pressupõe a existência de obras literárias anteriores. Ninguém é escritor sem ter sido, antes, um leitor” (Perrone-Moisés, 2016, p. 50). Desse modo, como já explanava Kristeva (1969) em sua conceituação de intertextualidade, amplamente difundida, “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em primeiro lugar da noção de intersubjetividade, instala-se o da intertextualidade e a linguagem poética lê-se, pelo menos, como dupla” (Kristeva, 1969, p. 146 *apud* Nitrini, 2000, p. 161).

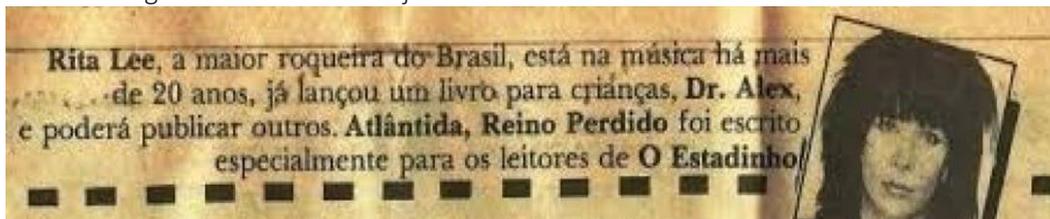
Entretanto, a intertextualidade não abrange somente o texto literário, sendo possível haver interseções entre diferentes áreas de estudo e contextos culturais e sociais, como da Literatura e História, visto que até na contemporaneidade há um contínuo movimento de retornar ao passado, como defende Finley (1991): “Toda arte é um diálogo. Também o é todo

o interesse pelo passado. E um dos lados, devido à sua própria existência vive e compreende de maneira contemporânea. Também parece ser inerente à existência humana que se torne e retorne ao passado” (Finley, 1991, p. 6 *apud* Silva *et al.*, 2020, p. 46).

No encadeamento entre o presente e o constante retorno ao passado, a intertextualidade se correlaciona aos conceitos de recepção literária e usos do passado, principalmente aos textos da Antiguidade Clássica, em que “a ideia de recepção, longe do caráter de passividade que comumente lhe é atribuído, rejeita significados absolutos, definitivos, fundamentados em fontes originais decifradas e reproduzidas na posteridade” (Silva *et al.*, 2020, p. 46). Da mesma forma que a recepção é dinâmica, a intertextualidade também é; ao referenciar ou aludir a outro texto, um escritor cria possíveis cenários de concordância, subversão ou sátira do texto de origem, visto que:

[a] Antiguidade, nessa perspectiva, muda constantemente o mundo em que vivemos, ao passo que esse mundo também muda a Antiguidade. A recepção de Virgílio, Horácio e Ovídio já na Antiguidade importa tanto quanto a desses autores no século XVIII, e de ambas as temporalidades nos séculos XIX e XX, em uma dinâmica constante de produção de significados, mas nenhum contexto histórico determina um único entendimento desses autores e de seus textos. A intertextualidade marca a relação da obra virgiliana com a de Homero, do mesmo modo que marca, também, a obra de autores como Lucano, Dante e Camões, e, mesmo, de tradutores como Odorico Mendes (*Eneida Brasileira*) com a de Virgílio, deixando em evidência as constantes relações entre fontes originais, sua recepção e a continuidade dessas recepções, mediadas pelas mais diferentes variáveis, sempre atuando na recriação dos clássicos, conferindo-lhes significados não apenas voltados para o passado, mas, também, para o presente e o futuro. (Silva *et al.*, 2020, p. 49)

Levando em consideração as perspectivas expostas e com o auxílio da pesquisa bibliográfica, o presente trabalho visa analisar as relações intertextuais no miniconto “Atlântida, Reino Perdido”, de Rita Lee, publicado em 1989 no caderno infantil “O Estadinho”, constituinte do jornal *O Estado de S. Paulo*, ou simplesmente *Estadão*, com os diálogos *Timeu* e *Crítias*, de Platão, em que se narra a história da ilha de Atlântida – grandiosa região que ficou submersa no fundo do mar após um terrível dilúvio.

Figura 1 – Chamada no jornal *Estadão* sobre o miniconto de Rita Lee.

Fonte: https://fcmarcadazorra.blogspot.com/2014/08/atlantida-reino-perdido-por-rita-lee_25.html?m=1

2 O mito de Atlântida: a alegoria sobre nações

Pode-se traçar a trajetória e as características da ilha de Atlântida por meio de duas obras de Platão: *Timeu* e *Crítias*. No primeiro diálogo, denominado *Timeu*, o personagem Crítias relata para Sócrates a história que o sábio Sólon contou ao seu avô, que “nos narrava de memória que grandes e admiráveis feitos dos tempos antigos desta cidade, que tinham sido esquecidos graças ao tempo e à destruição da humanidade e a mais grandiosa de todas” (Platão, 2011, p. 79). A memória em si dizia respeito à ação da antiga Atenas ao combater a perseguição de uma civilização inimiga, conhecida como Atlântida, sendo considerada por Crítias “o feito mais grandioso e, com toda a justiça, mais notável de todos quantos a nossa cidade praticou, mas que não perdurou até agora por causa do tempo e da morte daqueles que nele participaram” (Platão, 2011, p. 81).

Na época as terras eram divididas entre os deuses para serem administradas e desenvolvidas: “Em determinada altura, os deuses dividiram toda a terra em regiões – sem recurso a disputa; [...] e, havendo obtido a região que lhes agradava, de acordo com as sortes da Justiça, povoaram esses lugares” (Platão, 2011, p. 221). Desse modo, coube a Poseidon a ilha de Atlântida, retratada como uma das regiões mais belas, de grande poderio econômico, que acabou por ser o motivo de sua derrocada, posto que a ganância por mais poder incutiu em seus habitantes o desejo de dominar e escravizar os demais povos, principalmente Atenas:

Nesta ilha, a Atlântida, havia uma enorme confederação de reis com uma autoridade admirável que dominava toda a ilha, bem como várias outras ilhas e algumas partes do continente. [...] Esta potência tentou, toda unida, escravizar com uma só ofensiva toda a vossa região, a nossa e também todos os locais aquém do estreito. (Platão, 2011, p. 88)

Em *Crítias*, diálogo subsequente, Platão focaliza sua narrativa no enredo sobre a ilha de Atlântida, destacando o embate com Atenas: “De um lado, segundo se diz, estava a nossa

cidade que comandou e travou a guerra até ao fim, enquanto do outro estavam os reis da Ilha da Atlântida, ilha essa que, como dissemos há pouco, era maior do que a Líbia e a Ásia juntas” (Platão, 2011, p. 220). Como afirmou o sábio, Atlântida se tornou vítima de sua própria ambição e busca massiva de poder: “Mas quando a parte divina neles se começou a extinguir, em virtude de ter sido excessivamente misturada com o elemento mortal, passando o carácter humano a dominar, então, incapazes de suportar a sua condição, caíram em desgraça” (Platão, 2011, p. 246). Zeus, o maior entre os deuses, decide punir os atlantes pelos conflitos causados, principalmente pelo embate com o povo ateniense. Como a narrativa é encerrada abruptamente, provavelmente o castigo que os atlantes receberam foi o dilúvio que acometeu toda a região e a fez submergir no oceano:

O deus dos deuses – Zeus – que reina por meio de leis, como tem capacidade para discernir este tipo de acontecimentos, apercebeu-se de que uma estirpe íntegra estava organizada de um modo lastimoso. Então decidiu aplicar-lhes uma punição, de modo a que eles se tornassem razoáveis e moderados. (Platão, 2011, p. 246).

Na longa introdução da edição de *Timeu-Crítias* editada pela Universidade de Coimbra, Rodolfo Lopes destaca diversos pontos acerca da narrativa de Platão, como suas interpretações, recepção e intertextualidade presentes nos diálogos, sintetizando que “o Timeu ocupa-se da constituição do mundo e do Homem enquanto que o Crítias dá seguimento a esse projecto, ao apresentar a constituição da dimensão social; ou seja, da sua integração em comunidade no mundo criado” (Lopes, 2011, p. 14).

A obra *Crítias*, em que se encontra a maior parte dos acontecimentos sobre a ilha de Atlântida, destaca-se até o contexto contemporâneo, seduzindo “não só académicos das mais várias áreas do saber, como também autores de ficção” (Lopes, 2011, p. 53). Talvez a popularidade que a história sobre o reino perdido alcançou se dê pelo encantamento misterioso em que é constituída: não existem vestígios históricos concretos da real existência da ilha ou de seus habitantes. Entretanto, a narrativa de Platão é repleta de intertextualidade, seja por meio de referências ou alusões históricas, como as relações encontradas no próprio nome da ilha e sua localização, que remetem à região pertencente a filha de Atlas, referenciada na obra *Odisseia*, de Homero, além do conflito entre as civilizações de Atenas e da Atlântida também se configurar através da moldagem da batalha dos egípcios contra os “Povos do Mar”. Desse modo:

[...] Focando um pouco mais o que podemos deduzir por meio de algumas relações intertextuais, verificamos que o texto de Platão evidencia a presença de muitas fontes a que não faz referência directa. A diversidade desses materiais usados como “ingredientes” é tal que facilmente poderemos estabelecer um conjunto de substratos inerentes ao discurso, os quais forçosamente lhe vinculam um estatuto compósito e, ao mesmo tempo, o afastam da reclamada historicidade. (Lopes, 2011, p. 59)

Portanto, dentre as possibilidades de interpretação, a narrativa sobre a ilha de Atlântida carrega três características ao mesmo tempo: o fundo histórico, a ficção forjada e o apelo alegórico, posto que, como ressalta Nitrini (2000, p. 162) acerca das relações de intertextualidade: “O texto literário se insere no conjunto dos textos: é uma escritura-réplica de um outro (outros textos). Pelo seu modo de escrever, lendo o *corpus* literário anterior ou sincrônico, o autor vive na história e na sociedade se escreve no texto”. Em determinado momento, é perceptível o próprio texto aludir à relação entre mito e realidade:

Quanto aos cidadãos e à cidade que tu ontem nos descreveste como num mito, ponhamo-los aqui, transportando-os para a realidade, como se aquela cidade fosse esta aqui, e suponhamos que aqueles cidadãos que tu tinhas em mente são os nossos antepassados – os reais; aqueles de que falava o sacerdote. (Platão, 2011, p. 90-91)

Ou seja, partindo de referências reais, para a ficção com a construção do enredo sobre uma civilização que não existiu, constata-se que os diálogos de Platão em *Timeu-Critias* sobre a arrogância e derrocada da civilização atlante perante a nobreza e a luta de Atenas carrega a simbologia da “nobre mentira”, isto é, como colocado em *A República*, Platão denomina esse tipo de narrativa como aquela que, mesmo partindo de uma falsa crença, permite que o afeto pela cidade se eleve perante os cidadãos. Dentre as facetas alegóricas presentes no discurso de Platão, pode-se assumir que “a narrativa sobre a guerra entre a Atlântida e a Atenas primeva tem como objectivo despertar nos Atenienses um maior afecto em relação à sua cidade” (Lopes, 2011, p. 63-64).

De qualquer modo, há um processo duplo contínuo na obra do filósofo grego que perpassa as mais diferentes civilizações no decorrer do tempo: ascensão e derrocada. Esse vínculo entre mito e realidade acerca da ilha de Atlântida consegue ser percebida através da reflexão de Eliade (1972), de que os mitos narram uma realidade que surge a partir das realizações e irrupções do sobrenatural ou sagrado. Correlacionando ao mito de Platão, da mesma forma que a ilha foi criada por Poseidon, foi destruída por Zeus:

[...] O mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. [...] Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do "sobrenatural") no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural. (Eliade, 1972, p. 9)

3 O Reino Perdido pela narrativa infantil

Rita Lee inicia o miniconto “Atlântida, Reino Perdido” pontuando uma questão acerca das crianças-borboletas, que seriam descendentes dos atlantes e agora fazem do planeta Terra sua moradia. Para explicar a referência à raça atlante, a autora começa a dissertar sobre a ilha desaparecida, momento em que se ressalta a importância do acolhimento do leitor infantil: “Senta um pouquinho aqui comigo e vamos ler juntos, que esta história não é muito longa” (Lee, 1989, p. 28). A seguir, tem-se a descrição inicial de como funcionava a economia da ilha:

Atlântida é o famoso reino perdido. E por que ninguém ainda “achou”, hein? Ah, é que os Atlantes eram de uma época mágica onde não havia dinheiro. Tudo era muito trocado, por exemplo: “Minha vaquinha me deu dois litros extras de leite, então vou trocá-los por duas dúzias extras de ovos que alguém deve ter!”. E assim por diante... Ninguém era pobre nem rico em Atlântida, pois todos tinham de tudo. (Lee, 1989, p. 28)

A visão retratada é semelhante à descrição existente no diálogo de *Crítias*, de que pelo fato de a ilha de Atlântida ter sido construída por Poseidon, um dos maiores deuses, era refletido no espaço sua grandeza, fartura e divisão de bens:

Foi o próprio Posídon que organizou o centro da ilha – facilmente, pois era um deus, fazendo surgir de debaixo da terra duas nascentes de água – uma quente, outra fria – que corriam de uma fonte e fez brotar da terra alimentos variados e suficientes. [...] Ainda que muito viesse de fora, por causa do império, a própria ilha fornecia a grande maioria dos bens essenciais. (Platão, 2011, p. 231-232)

Seguindo a narrativa infantil, a ilha é cercada de elogiosos substantivos, sendo reconhecida como um local onde o bem, a paz e alegria reinavam. Sem referências a soberba e prepotência da civilização que queria dominar e escravizar outros povos, e ao contrário do que consta na narrativa de Platão, a Atlântida que surge na escrita de Lee se assemelha ao início

de *Crítias*, em que ainda se mantém o estado primeiro da convivência da ilha, cercada de belezas naturais e riqueza:

Mas, naquele tempo, enquanto esteve intacta, tinha montanhas altas e encristadas de terra, e, quanto às planícies a que agora chamamos solo rochoso, tinha-as cheias de terra fértil. Tinha também numerosas florestas nas montanhas. [...] Havia também muitas e grandes árvores benignas, bem como a terra providenciava pastos maravilhosos para o gado. (Platão, 2011, p. 226)

Caminhando para o fim, a autora relata acerca do desaparecimento da ilha:

Um dia a bela Atlântida, com todos os seus habitantes convivendo telepaticamente felizes, festejava a razão de sua própria existência e agradecia deusas e deuses pela sorte, mas... que pena, nenhum Atlante percebeu que de repente se formava no mar uma onda gigantesca proveniente do ciúme invejoso do poderoso Rei Netuno, cujo não gozava das delícias e perfeições da Atlântida. (Lee, 1989, p. 28)

Nesse ponto ocorre uma subversão da narrativa de origem: se nos diálogos de Platão o povo da ilha de Atlântida é representado como um “símbolo da ganância de domínio, força invasora arrasadora e, ao mesmo tempo, superpotência econômica” (Lopes, 2011, p. 64), sendo punido pelo deus dos deuses – Zeus – por conta da arrogância e complexo de superioridade, na releitura de Lee os atlantes são colocados como vítimas da inveja de Netuno, equivalente a Poseidon da mitologia grega, sendo retratados como uma civilização feliz e nobre, que não possuía ambição perante a fortuna natural existente, submergindo para sempre no oceano: “Então, meus amiguinhos, eis que das profundezas de todos os oceanos desabou toda a água do mundo sobre a doce Atlântida” (Lee, 1989, p. 28).

O famoso desaparecimento da ilha para o fundo do mar em decorrência de um dilúvio talvez possa ser a resposta para a mudança de Lee sobre o deus que ocasionou tal tragédia, visto que Netuno – ou Poseidon – é o deus do mar. Apesar da mudança sobre qual deus foi o responsável pela punição à Atlântida, mantém-se a narrativa do desaparecimento dos atlantes próximo de Platão. Em *Timeu* é possível verificar a similitude dos enredos, onde Crítias relata o desaparecimento de todos da antiga Atenas e de Atlântida durante o conflito entre as duas nações por conta da invasão das águas:

Posteriormente, por causa de um sismo incomensurável e de um dilúvio que sobreveio num só dia e numa noite terríveis, toda a vossa classe guerreira foi de uma só vez engolida pela terra, e a ilha da Atlântida desapareceu da mesma maneira, afundada no mar. (Platão, 2011, p. 89)

Já na obra *Crítias*, predominantemente focada na história do reino perdido, há a descrição de seu desaparecimento de forma intensa e metafórica, ressaltando as ruínas que restaram daquela grandiosa ilha:

[...] Ao escorregar continuamente semelhante a uma roda, desapareceu no fundo do mar. Comparado ao de então, o que agora restou – tal como aconteceu nas pequenas ilhas – é semelhante aos ossos de um corpo que adoeceu, pois tudo o que a terra tinha de gordo e mole escorregou, tendo somente restado desse lugar o corpo descascado. (Platão, 2011, p. 226)

Lee encerra a história voltando ao elo mágico entre a Antiguidade clássica e o contexto hodierno: as crianças-borboletas citadas no início do miniconto:

Dizem que até hoje ela [Atlântida] continua linda, submersa e prisioneira de Netuno, mas volta e meia Atlantes conseguem se comunicar conosco aqui, mas só com uma condição: você tem que ser ou conhecer uma criança-borboleta!! Não é difícil não! Veja bem: é só você dançar e cantar feito os índios, florir e perfumar feito as plantas, pular e brincar feito os bichos e principalmente saber que lá no fundo de você mora um Deus que é mais poderoso do que tudo e é esse Deus que conta pra gente todos os segredos de Atlântida. Então já sabe, né? Quando você for dormir, fique quietinho quietinho para escutar tudo, tá? Ou se não quiser dormir, procure um cantinho bem escondidinho e chame as borboletas para voar com você! (Lee, 1989, p. 28)

O final do miniconto revela, por meio do tom lúdico com a presença das crianças-borboletas que seriam uma espécie de seres mágicos, uma presença característica da escrita de Rita Lee para o público infantil: a luta pela visibilidade daqueles que são constantemente perseguidos e/ou marginalizados, como os indígenas, o meio ambiente e os animais.

Nesse sentido, evidencia-se a importância da literatura infantil, que por meio de uma história e do modo de narrar, busca preencher a lacuna de experimentação do mundo e conquista da compreensão do real, posto que:

[...] não se pode escamotear a circunstância de que a fantasia é um importante subsídio para a compreensão de mundo por parte da criança: ela ocupa as lacunas que o indivíduo necessariamente tem durante a infância, devido ao seu desconhecimento do real: e ajuda-o a ordenar suas novas experiências, frequentemente fornecidas pelos próprios livros. (Zilberman, 2003, p. 49)

Rita Lee, que era ativista e principalmente defensora dos direitos dos animais, publicou entre os anos de 1980 e 1990 a saga infantil do Dr. Alex, composto por quatro volumes: *Dr. Alex* (1986), *Dr. Alex e os reis de angra* (1988), *Dr. Alex na Amazônia* (1990) e *Dr. Alex e o*

Oráculo de Quartz (1992). As obras, reeditadas e relançadas pelo selo infantojuvenil Globinho, da Globo Livros, a partir de 2019, ainda ganhou mais uma narrativa, *Dr Alex e Vovó Ritinha: uma aventura no espaço* (2021). Em 2019, Lee publicou *Amiga Ursa: uma história triste, mas com final feliz*, sobre a história real de uma urso traficada da Sibéria e mantida em um circo no nordeste brasileiro.

Todos seus enredos são guiados por problemáticas que englobam as questões ambientais, desde os ataques às terras indígenas, à destruição causada pelas usinas nucleares e roubo de minério. Como narradora, ao final de cada história, chama o leitor para perto de si em busca da reflexão sobre a mensagem transmitida, semelhante à moral contida nas fábulas: “Atenção, criançada, o Futuro é de vocês! Não marque touca e feche a boca de quem quiser destruir o PLANETA TERRA!” (Lee, 1988, p. 26).

Portanto, é perceptível que o uso e absorção de um texto em outro no processo de intertextualidade é marcado pelo contexto em que o autor se encontra e o discurso que se procura inserir no intertexto, desse modo, compreende-se:

[...] os usos do passado como uma forma de recepção entre outras possíveis, na qual a mobilização/reutilização do passado assume um caráter pragmático e instrumental. [...] Nesse domínio, o foco reside no significado do uso do passado, naquilo que lhe é acrescido ou suprimido objetivando conferir sentido a uma finalidade (identitária, nacional, de classe, racial, de gênero etc.) no presente [...]. Com esse fim, os usos do passado atuam para criação e consumo de uma narrativa que, produzida no presente, não deixa de estabelecer expectativas para o futuro. (Silva *et al.*, 2020, p. 45)

Infere-se que a conclusão do miniconto “Atlântida, Reino Perdido” ao recontar para o público infantil o mito da ilha desaparecida traz o mágico do desconhecido para destacar que é possível uma conexão com o belo e alegre por meio da preservação do modo de viver dos povos originários, com o florescer das plantas que constituem a natureza e a inocência dos animais, além de ressaltar a relevância da crença em um ser divino. Como Eliade (1972), Rita Lee reflete sobre a presença ativa do mito nos contos de fadas, nas duas formas perpassam temáticas iniciatórias e ritualísticas, como o amor, religião, casamento e morte, dessa forma “poder-se-ia quase dizer que o conto repete, em outro plano e através de outros meios, o enredo iniciatório exemplar. O conto reata e prolonga a ‘iniciação’ ao nível do imaginário” (Eliade, 1972, p. 141).

Essas características são semelhantes ao final de uma das narrativas do Dr. Alex, em que a autora evidencia a importância da harmonia no convívio com os seres visíveis e invisíveis: “Alô, crianças do planeta Terra! Vocês têm a vida inteira pela frente para brincar, fantasiar, amar os animais, fazer amigos, crescer, cuidar da Mamãe Natureza e transformar o mundo num lugar mágico onde todos são irmãos e filhos do Criador do Universo” (Lee, 2021, p. 37).

Dentre as práticas da intertextualidade propostas por Gérard Genette, constata-se a presença da referência no miniconto de Rita Lee, visto que nessa modalidade “não se expõe o texto citado, mas a este remete por um título, um nome de autor, de personagem ou a exposição de uma situação específica” (Samoyault, 2008, p. 50). Nitrini (2000) destaca que a análise da intertextualidade perpassa determinados estágios, sendo eles:

[...] as relações que ligam o texto de origem ao elemento que foi retirado, mas já agora modificado no novo contexto, e as relações que unem este elemento transformado ao novo texto que o assimilou. Assim, a análise de uma obra literária buscará inicialmente avaliar as semelhanças que persistem entre o enunciado transformador e o seu lugar de origem e, em segundo lugar, ver de que modo o intertexto absorveu o material do qual se apropriou. (Nitrini, 2000, p. 164)

Desse modo, o miniconto de Lee é semelhante e referencial à narrativa de Platão na medida em que conserva as características iniciais de Atlântida como uma bela e rica civilização que ficou submersa no mar, absorvendo o texto clássico para uma releitura infantil que permite o lúdico ao criar a personagem de crianças-borboletas – o elo mágico entre os mundos. A ludicidade, inclusive, é uma das marcas da intertextualidade contemporânea, segundo Perrone-Moisés (2016, p. 50): “podemos também atribuir o gosto pelas alusões à hiperinformação disponível em nossa época, que dissemina as referências históricas de modo insistente e anárquico. A intertextualidade praticada na literatura contemporânea pode assumir um tom melancólico [...], ou um tom irônico, lúdico, característico do estilo pós-moderno”.

Apesar de se distanciar do conflito entre nações, em certa medida, o enredo de Lee também apresenta a importância da nobreza nas relações para se ter um convívio harmonioso, nas características naturais entre povos originários e a natureza, por exemplo, o que faltou à Atlântida original que se deixou guiar pela soberba, e no material acima do divino, portanto, segundo afirma Samoyault (2008, p. 117) sobre a intertextualidade com os mitos: “a re-

escritura do mito não é pois simplesmente repetição de sua história; ela conta também a história de sua história, o que é também uma função da intertextualidade: levar, para além da atualização de uma referência, o movimento de sua continuação na memória humana”.

Inserida nessa cinesia que preserva e recepção o mito na continuidade histórica, em 1981, oito anos antes de publicar o miniconto no jornal, Lee já empregava o enredo de Atlântida na letra de uma canção homônima, enfatizando a beleza e mistério da ilha desaparecida: “Atlântida / Reino perdido / De ouro e prata / Misteriosa cidade... / Atlântida / Terra prometida / Dos semideuses / Das sereias douradas... /Eu sou o pescador / Que parte toda manhã / Em busca do tesouro / Perdido no fundo do mar... /Desde o Oiapoque / Até Nova York se sabe / Que o mundo é dos que sonham / Que toda lenda é pura verdade...” (Lee; Carvalho, 1981).

4 Considerações finais

Das relações intertextuais intrínsecas às obras *Timeu* e *Crítias*, de Platão, que partem do mito de Atlântida para construção de uma alegoria sobre nações e reflexão do afeto dos atenienses por sua civilização, até a reescrita de Rita Lee por uma perspectiva que leva em consideração o passeio do público infantil pelo mito recuperado de forma lúdica e o mistério em torno do desconhecido, constata-se que no diálogo com o clássico, os textos literários metamorfoseiam-se, perpassando múltiplas recepções ao longo do tempo e da história.

Nesse sentido, a intertextualidade converte-se em uma aliada dos usos do passado e recepção que a literatura carrega no sucessivo transcurso de ressignificação, em que as histórias são referenciadas, reescritas e interpretadas pelo viés de cada contexto discursivo, social e cultural de determinado período.

Portanto, no caso do diálogo com os mitos clássicos, infere-se que a representação de um novo olhar para o enredo da ilha desaparecida em “Atlântida, Reino Perdido” é também uma forma de despertar a curiosidade sobre a história original e perpetuar a literatura da Antiguidade Clássica para diferentes públicos, que irão vivenciar suas próprias interpretações.

Referências

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

LEE, Rita. Atlântida, Reino Perdido. O estadinho. n. 62. **O Estado de S. Paulo**, 1989. Disponível em: https://fcmarcadazorra.blogspot.com/2014/08/atlantida-reino-perdido-por-rita-lee_25.html?m=1. Acesso em: 17 abr. 2024.

LEE, Rita; CARVALHO, Roberto de. **Atlântida. Saúde**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1981.

LEE, Rita. **Dr. Alex e os reis de angra**. Ilustrações Flávio del Carlo. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

LEE, Rita. **Dr. Alex e vovó Ritinha: uma aventura no espaço**. Ilustrações Guilherme Francini. São Paulo: Globinho, 2021.

LOPES, Rodolfo. Introdução. *In*: PLATÃO. **Timeu-Crítias**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2011.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: história, teoria e crítica**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

PLATÃO. **Timeu-Crítias**. Trad. Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. 2011.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SILVA, Glaydson José da. Funari, Pedro Paulo.; GARRAFFONI, Renata Senna. Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 40, n. 84, p. 43-66, 2020. <https://doi.org/10.1590/1806-93472020v40n84-03>

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.